

## 5. ***CouchSurfing*: vivenciando uma nova prática colaborativa cidadã**

Este capítulo tem como objetivo relatar minha experiência como usuária da plataforma de hospitalidade *CouchSurfing*. A vivência, que aconteceu durante o segundo semestre de 2011, se desenvolveu baseada em técnicas qualitativas e etnográficas e teve como intuito entender a perspectiva de uso em plataformas de suporte a novas práticas colaborativas cidadãs.

A escolha do *CouchSurfing* como estudo de caso se embasou em interesse, desenvolvido no decorrer do presente estudo, por novas práticas colaborativas cidadãs em consumo, que acontecem através do compartilhamento de bens pessoais, como carros, casas e roupas, e por meio de situações que, como apresentado pela designer Carla Cipolla, em seu trabalho intitulado *Relational Services* (2009), demandam o desenvolvimento de relações interpessoais entre os envolvidos.

Assim, a presente investigação teve como norte a seguinte questão: Até que ponto é possível suportar novas práticas colaborativas cidadãs de compartilhamento em consumo que demandam o desenvolvimento de relações interpessoais entre seus envolvidos?

Para a preservação de suas identidades, todos os entrevistados e outros envolvidos na pesquisa tiveram seus nomes trocados nos relatos a seguir.

### 5.1. **A plataforma *CouchSurfing***

Desenvolvida em 1999 pelo cientista da computação americano Casey Fenton, a plataforma de hospitalidade *CouchSurfing* é um *site* voltado à promoção e ao suporte de novas práticas colaborativas de compartilhamento em hospitalidade entre turistas e moradores locais ao redor do mundo. A plataforma oferece suportes e incentivos que facilitam que qualquer pessoa, sem qualquer custo, conheça qualquer outra pessoa em qualquer parte do mundo, seja oferecendo ou pedindo o compartilhamento de sua casa, e conseqüentemente de seus objetos pessoais, seu tempo, seus conhecimentos, sua família e/ou amigos.

Mais do que conectar pessoas de diferentes países em busca por hospedagem sem custos em suas viagens, o *CouchSurfing* é uma plataforma de trocas culturais e de amizade; como bem ilustra o seguinte texto divulgado no *site*:

Você pode dividir hospitalidade e viver a sua cidade através de novos olhos ao oferecer a turistas um lugar para ficar durante suas viagens. Você pode também deixar de lado a típica experiência de se hospedar em hotéis ao decidir ficar na casa de um morador local e aprender sobre sua cultura. Pode se juntar com pessoas interessantes para qualquer atividade, desde um passeio de bicicleta até uma festa, usando o quadro de atividades da *CouchSurfing*. E ainda pode conhecer novas pessoas, em casa ou quando viajar, para experiências inspiradoras e novas amizades.

Com visão de “um mundo onde todos podem explorar e criar conexões importantes com as pessoas e lugares por onde passam” e missão de criar “experiências inspiradoras”, a plataforma se apresenta como uma comunidade que tem como objetivo traçar o caminho para um “mundo melhor e mais amigável, onde povos diferentes podem achar semelhanças entre si”.

Com relação à sua missão, o *site* divulga que existem dois tipos básicos de “experiências” que os *couchsurfers* podem vivenciar. Estas experiências juntas formariam, então, uma “experiência inspiradora”. São elas: 1) “Experiências magnéticas”: aquelas onde pessoas diversas se conectam de forma fácil, alegre e agradável entre elas; 2) “Experiências de crescimento”: aquelas desafiadoras, que acontecem quando *couchsurfers* se conectam com pessoas extremamente diferentes, configurando “oportunidades de aprender sobre culturas desconhecidas, superar medos e ter compaixão por outros”.

Segundo dados da própria plataforma<sup>1</sup>, a comunidade *CouchSurfing* conta atualmente com cerca de 4,8 milhões de membros espalhados em 252 países e territórios ao redor do mundo, incluindo a Antártica, a Groelândia e as Ilhas Galápagos. Ainda segundo estes dados, os *couchsurfers* estão concentrados em sua maioria nos Estados Unidos, Canadá e em países da Europa. O Brasil configura o oitavo lugar na lista de países por número de usuários, com mais de cento e onze mil *couchsurfers* e na frente de países como Austrália e China. Já o número de experiências suportadas pela plataforma e divulgado no *site* é de mais de 16 milhões, desde 2003.

---

<sup>1</sup> Números *CouchSurfing*: retirados da página <http://www.couchsurfing.org/statistics.html>. Último acesso em: 23 set.2012, às 11h.

### 5.1.1. Como funciona?

Para suportar e incentivar os compartilhamentos descritos acima, a plataforma *CouchSurfing* funciona da seguinte forma: 1) o interessado em participar da rede se inscreve na comunidade e é convidado a montar seu perfil, disponibilizando fotos e informações pessoais variadas. Assim como em uma rede social comum, os membros *couchsurfers* podem adicionar a seus perfis amigos e obter referências; 2) uma vez inscrito, o membro é amparado por sistemas de filtragem, recomendação, verificação, certificação, dentre outros, e pode tanto disponibilizar sua casa e/ou tempo a outros *couchsurfers* turistas; como também procurar por *couchsurfers* anfitriões para futuras viagens. Os integrantes da comunidade podem também se aproveitar da rede *CouchSurfing*, somente para se socializar, frequentando eventos promovidos pela comunidade de sua cidade ou da cidade visitada.

Ao preencher seu perfil, cada membro é solicitado a responder a seguinte pergunta: “Você pode hospedar?”. As opções de resposta são: “sim”; “talvez”; “no momento não, mas estou disponível para passeios” e “viajando”. Na plataforma não existe regra de reciprocidade, ou seja, nenhum membro é obrigado a receber pessoas para que possa ser recebido. Também não existe nenhuma regra que obrigue um membro a aceitar pedidos de hospitalidade, mesmo que no perfil do solicitado esteja marcada a opção “sim”, para a pergunta: “você pode hospedar?”.

Os processos de solicitação e aceite de hospitalidade são sempre analisados e resolvidos entre as pessoas que se conectam e querem trocar experiências juntas. E os serviços de compartilhamento não são e nem podem ser cobrados, assim como o uso da plataforma e as possíveis hospedagens e encontros ali viabilizados.

Para solicitar hospedagem, ajuda ou informações a um membro local durante uma viagem, os interessados devem fazer uma busca por perfis no sistema *CouchRequest*, que possibilita procuras por meio de filtros. Os pedidos devem ser feitos através de solicitações personalizadas.

Os interessados em hospitalidade podem também disponibilizar seus perfis nas comunidades das cidades para as quais pretendem viajar. Aguardando, desta forma, que algum outro membro os convide.

### **5.1.2. Segurança**

Uma das principais questões que envolvem o compartilhamento entre pessoas desconhecidas é a questão segurança. Talvez seja por isso que ela mereça tanto destaque na plataforma *CouchSurfing*. Na busca por suportar “experiências inspiradoras” e, conseqüentemente, seguras, a plataforma conta com ferramentas de segurança no estilo *member-driven*, onde os próprios membros da comunidade são responsáveis por: 1) tomar decisões seguras; 2) compartilhar conhecimentos para manter a rede a salvo de usos inadequados.

As principais ferramentas de segurança contidas na plataforma são: 1) sistema de perfis detalhado, que possibilita e estimula os membros da comunidade a disponibilizar informações diversas sobre si mesmos. Esta ferramenta também possibilita a formação de rede de amigos entre os *couchsurfers*; 2) sistema de referências, no qual os membros que vivenciam alguma experiência como *couchsurfer* - seja hospedando alguém, seja sendo hospedado ou conhecendo pessoalmente algum integrante da rede - são estimulados a relatar as experiências. Estes relatos - positivos ou negativos - são divulgados na página do *couchsurfer* analisado; 3) sistema de certificados, que possibilita que *couchsurfers* certifiquem alta confiabilidade a outros membros que já conhecem pessoalmente. Este sistema de certificação é limitado e para que um membro possa certificar outro, ele precisa antes ter sido certificado por outros três membros já certificados; 4) processo de verificação, no qual um membro paga uma taxa para que o *site* cheque seus dados pessoais e de localização, e adicione, posteriormente, um certificado de “honestidade sobre sua identidade” em seu perfil.

Além das quatro ferramentas apresentadas, há também: 1) a conexão entre o *site* e a rede social *Facebook*, que permite que os membros *CouchSurfing* ampliem suas redes de contato e, conseqüentemente, possam buscar por amigos de amigos em sua rede *Facebook*; 2) uma equipe de boas-vindas a novos membros que passou a checar os novos perfis, dificultando, assim, a criação de perfis falsos.

Para a segurança de seus usuários, o *site* oferece ainda: 1) a gravação das conversas realizadas entre membros na plataforma; 2) instruções de como usar a plataforma - criar e ler perfis, e primeiros passos tanto para hospedar viajantes e viajar quanto para se envolver com as comunidades *CouchSurfing* locais -; 3) espaço para reportar abusos; 4) sistema de embaixadores locais que podem ser acionados em caso de emergência.

Em página que trata do tema segurança, o *site* reitera que possibilita que seus integrantes tomem decisões, bem informados, e que a reputação é a base de uma comunidade segura. Neste local, a plataforma lembra ainda que para se construir experiências positivas é necessário construir perfis sinceros.

## **5.2. Aproximação com a comunidade**

Comecei a estabelecer contatos me inscrevendo na plataforma e em seu grupo *Rio de Janeiro City* - o maior dos grupos de discussão da comunidade no Rio de Janeiro, hoje com quase treze mil integrantes. Também comecei a frequentar alguns dos encontros semanais organizados pelos embaixadores da comunidade na cidade. Estes encontros semanais acontecem todas as quintas-feiras à noite, no quiosque *Pizza in Cone*, que fica localizado próximo ao Posto 5, na Praia de Copacabana.

Segue abaixo o relato de alguns dos momentos mais marcantes desta fase. Observando que todos os nomes das pessoas com quem convivi na comunidade *CouchSurfing* foram trocados no presente trabalho para evitar exposições aos mesmos.

### **Dia 30/06/2011, quinta-feira, 20h30, Praia de Copacabana: primeira ida ao encontro semanal *CouchSurfing***

O primeiro encontro com o grupo *CouchSurfing* foi no mínimo surpreendente para mim. Depois de passar cerca de quase um mês adiando minha ida ao evento semanal e de já ter entrado em contato com alguns dos membros mais frequentes do grupo, avisando sobre minha provável ida, cheguei ao quiosque *Pizza in Cone*, em Copacabana, por volta das 20h30.

Fui sozinha e esperava encontrar a colega de mestrado que fazia parte da comunidade há alguns anos e que muito tinha influenciado minha decisão de

escolher a plataforma como caso de estudo. Antes de sair de casa, porém, meu marido havia “queimado” completamente minha pesquisa ao insistir: *“Motivações? O que você acha que são as motivações dessas pessoas, a não ser a de “pegar” gente? Esta é a motivação dos jovens e aposto que nesse local só vai ter moleque*, disse ele, super apoiando minha pesquisa.

Superado o trauma, saí de casa ainda desanimada. Entrei no taxi e pedi: - Para Copacabana, por favor!. Na mesma hora pensei, com aquele mesmo medo que sentimos toda vez que iniciamos um trabalho novo: *“Que Deus me ajude!”*.

Cheguei ao local com a ideia de que iria encontrar ali um grupo relativamente pequeno e fechado de pessoas, todas sentadas em uma mesa de bar, conversando como amigos de longa data, mas não vi nada disso. Ao contrário, a primeira coisa que avistei ao chegar ao encontro foi uma mesa com apenas uns poucos rapazes responsáveis por receber quem ali acabava de chegar e muita gente em pé.

Com um sorriso enorme no rosto e como se fosse meu amigo de infância, um desses jovens se aproximou de mim, me cumprimentou e perguntou: *“Nome?”*.. Eu disse: *“Renata”*. E, pronto, ele escreveu meu nome junto ao número 19 - meu número de chegada - em um adesivo no estilo crachá, o grudou em minha roupa e disse: *“Seja bem vinda!”*. E eu pensei: *“Ei, ainda nem faço parte da comunidade!”*.

Com minha etiqueta no peito, sentei então ao lado de alguns poucos integrantes e comecei a tentar uma conversa. Aquele encontro se mostrou completamente diferente do que eu havia imaginado. Nada de uma mesa de bar e bate-papo. E sim, gente, muita gente que não parava de chegar - pessoas que já se conheciam anteriormente; outras que, assim como eu, nunca haviam visto ninguém ali; jovens; não tão jovens assim; estrangeiros; brasileiros e assim por diante: todos se socializando e, alguns, tratando estranhos de até ontem como amigos de longa data.

Tudo aquilo assustou um pouco a mente desta capricorniana desconfiada aqui. Naquela noite, que foi somente de reconhecimento e pequenas entrevistas, conheci gente que já havia hospedado mais de 30 vezes pessoas em suas casas, e obtive como resposta à minha pergunta sobre motivações nada muito diferente do que já havia imaginado: *“conhecer gente”*, *“conhecer lugares novos com a ajuda de moradores locais”*, *“sair do ciclo turístico convencional”*, *“fazer amigos”*,

“*obter companhia*”, “*aprender novos idiomas e novas culturas*” e assim por diante. Bem na contramão da “*pegação*” ou do “*quero me hospedar de graça*”, sugeridos anteriormente por meu marido.

O brasileiro Luiz, de 30 anos, que já havia morado fora do Brasil durante alguns anos, me disse que entrou para o *CouchSurfing* nesse mesmo período e que sua ideia era conhecer gente, já que se sentia sozinho no estrangeiro. Ele me contou ainda que a única experiência ruim que já havia vivenciado com a plataforma tinha sido no Brasil, poucas semanas antes de nossa conversa, ao receber em sua casa duas acrobatas argentinas, segundo ele, “*muito sujas, sem dinheiro e bagunçadas*”. Luiz contou:

*“Para mim o bom mesmo é se relacionar com as pessoas. Se for para ser igual a um hotel, não tem graça. Estas meninas mal me cumprimentavam, sentavam no meu sofá sujas de areia, deixavam a casa e o banheiro um lixo e ainda comiam minha comida. Elas não queriam participar da comunidade. Queriam se aproveitar de alguém. Me parece que queriam viajar o mundo assim. As mandei embora no mesmo dia.”*

### **Dia 27/07/2011, quarta-feira, 17h, biblioteca da PUC-Rio: primeiras respostas à minha caixa de mensagens**

Esta foi a primeira vez que entrei para responder às mensagens que estavam em minha caixa de entrada desde o primeiro dia em que me inscrevi na comunidade, no dia 3/07/2011. Às vezes acho que não sou mesmo muito sociável. Ainda mais, quando se fala de redes sociais. Tenho medo de não saber onde estou pisando e nem o que estas exposições pessoais podem vir a me acarretar. Também tenho pavor de erros em público e talvez seja por isso mesmo que costumo demorar muito tempo para criar perfis e me tornar ativa em qualquer que seja o tipo de rede social.

Mas, nesse dia, pensei: “*Não tem jeito, preciso entender o CouchSurfing e não vai ser fugindo dele que vou conseguir fazer isso*”. Assim, entrei em minha caixa de mensagens e comecei respondendo à mensagem de um dos embaixadores da comunidade no Rio de Janeiro - voluntários que trabalham para manter o bom funcionamento da rede em cada cidade. Ele havia me escrito, para dar boas-vindas, dois dias após minha inscrição no *site*, mais precisamente no dia 05/07/2011.

Ainda muito desconfiada, respondi a ele, agradecendo e pedindo desculpas pela demora em retornar. Expliquei também a ele que estava fazendo uma

pesquisa sobre a comunidade. Conteí um pouco sobre meu interesse e, antes de enviar a resposta, percebi que existiam duas possibilidades de envio: uma que automaticamente enviaria também meus dados pessoais, como endereço e telefone - essa opção, segundo a plataforma, é para facilitar a vida de membros que vão receber *couchsurfers* em casa -; e a outra, normal, sem envio de dados. Claro que escolhi a segunda, já que, no momento, eu ainda estava com um pé - ou até mesmo com os dois - atrás, para fazer parte da comunidade.

Parti então para a leitura de uma segunda mensagem pendente em minha caixa. Muito mais longa que a primeira e em inglês, esta segunda mensagem também era de um voluntário - desta vez um londrino - da equipe de boas-vindas da plataforma. Neste e-mail, o remetente me alertou sobre a importância dos perfis para a plataforma e que eles são o cartão de visitas dos membros no *site*. O londrino também lembrou sobre a importância da disponibilização de fotos e outras informações detalhadas no perfil e sobre as diversas ferramentas existentes voltadas à segurança da plataforma. E, depois de muita explicação, reiterou:

*“Esta pode ser uma íngreme curva de aprendizado, mas as recompensas são imensas e vale a pena todo o esforço. O CouchSurfing 'não' é o Facebook. O CouchSurfing 'não' é o MySpace. E o CouchSurfing definitivamente 'não' é um site de namoro. Definitivamente não use-o para estes fins. Da mesma forma, usando o CouchSurfing para qualquer finalidade comercial resultará também na exclusão imediata do seu perfil. No entanto, se você aprender a usar o sistema e usá-lo sabiamente, ele não só irá mudar sua maneira de viajar, mas também como você se relaciona com o mundo. E isso definitivamente vai mudar a sua vida para melhor: Nós esperamos que você aproveite seu tempo e experiências entre nós e talvez vê-lo algum dia. Com os melhores cumprimentos e feliz viagem!”*

A terceira mensagem lida no dia foi também de boas vindas de outro embaixador brasileiro. Respondi com um breve agradecimento.

### **Dia 04/08/2011, quinta-feira, 11h, em casa: respondendo à minha primeira solicitação de hospedagem**

Voltei à plataforma *CouchSurfing*. Na minha caixa de mensagens havia mais dois recados novos. Já havia recebido notificação por e-mail sobre estes recados, mas como eram de pessoas desconhecidas, de novo os deixei sem resposta por um tempo. Tenho essa mania!

Respondi então às mensagens: a primeira era de um dos embaixadores da comunidade no Rio de Janeiro, dando continuidade a nossa primeira conversa; já

a segunda era de um casal de britânicos, pedindo hospedagem em minha casa por alguns dias no mês de setembro. Esta foi a primeira solicitação de hospedagem que recebi através do *site*. Apesar de parecer respeitosa e de confiança, a mensagem não tinha sido enviada pelo sistema de *CouchRequest*, tal como recomendado pelas instruções de segurança, e sim, pelo sistema de troca de mensagens normal. Além disso, ter recebido um pedido de hospedagem sem ter ao menos uma foto que mostrasse meu rosto em meu perfil - o que é altamente recomendado pelo sistema de segurança da plataforma -, me fez achar tudo muito estranho.

Fiquei então na maior dúvida sobre o que fazer e como responder aquele pedido. Costumo ter dificuldades para dizer não e, ao mesmo tempo, sendo nova na comunidade e querendo pesquisar sobre o *site*, me via na obrigação de manter um “sim” como resposta à pergunta “Você pode hospedar?” de meu perfil. Uma dúvida cruel.

Resolvi responder, dizendo que não poderia hospedar um casal, mas que poderia tentar ajudá-los a conseguir um lugar para ficar, se eles quisessem. Achei que poderia fazer isso, indo aos encontros de quinta-feira. Mal sabia eu que essa prática é abominada pelos *couchsurfers* mais antigos, que, por motivos de segurança, pedem para que as solicitações de hospedagem sejam feitas somente através do *site*, o lugar onde todos podem checar informações de seus solicitantes.

Fim da história: o casal britânico respondeu agradecendo minha “gentileza” e dizendo que já tinha encontrado outro lugar para ficar. Ufa! A partir deste dia, então, mudei de “sim” para “talvez” minha resposta à pergunta “Você pode hospedar?” de meu perfil.

### **Dia 29/09/2011, 22h25, Copacabana: entrevista com um dos embaixadores da comunidade no Rio de Janeiro**

Conforme já explicitado acima, as comunidades *CouchSurfing* de cada cidade costumam contar com voluntários para, dentre outras coisas, organizar eventos, manter a comunidade ativa, resolver possíveis problemas e também orientar novos *couchsurfers*. Alguns desses voluntários são considerados embaixadores e, no dia vinte e nove de setembro de 2011, fui conversar com o principal embaixador da comunidade *CouchSurfing* Rio de Janeiro.

Jorge, de 41 anos, é casado, mora em Ipanema, e já hospedou *couchsurfers* mais de 250 vezes em suas casas do Rio de Janeiro e Petrópolis. Segundo ele, dentre todas essas experiências, nunca houve sequer uma ruim.

O embaixador, que diz saber usar as ferramentas do *site* para “projetar experiências felizes”, também se hospedou pouquíssimas vezes na casa de outros membros durante suas viagens. Ele explica:

*“Gosto muito de hospedar, mas não gosto de ser hospedado. É que dificilmente me sinto incomodado com pessoas, mas tenho pavor de sentir que estou incomodando. Gosto de conforto e quando viajo, entro em contato com a comunidade somente para sair. Não fico na casa de ninguém”.*

Em nossa entrevista, perguntei a ele que fatores eram mais relevantes na hora de aceitar um hóspede e ele disse ser a “*importância que as pessoas dão para suas próprias informações*”, ou seja, a maneira como elas se colocam perante a comunidade: “*o quanto elas dedicam de tempo para preencher seus perfis e se apresentar*”. Jorge explicou que:

*“Aquela pessoa que dá respostas-padrão só para dizer que tem perfil não se apresenta. Ficar na casa de alguém é algo íntimo demais. Nesses momentos, se compartilha o lugar onde se dorme e onde se cozinha. O mínimo que a outra pessoa deve fazer é mostrar quem ela é.”*

Durante nossa conversa, Jorge apontou ainda o sistema de referências como outro importante fator a ser considerado na hora de se fazer escolhas. O embaixador alertou para a necessidade de se checar não somente a quantidade das referências deixadas nas páginas de quem se pretende conhecer, mas também a fonte e a qualidade das mesmas. “*Às vezes o camarada tem cinquenta referências e todas são referências de bar*”, explicou, lembrando que boas referências são aquelas de pessoas que realmente já viveram experiências *couchsurfers* com os candidatos.

Jorge esclareceu ainda que a maneira como cada pessoa hospeda e é hospedada pode ser muito diferente, e que as regras de cada hospedagem são criadas a cada nova experiência. “*Tem gente que entrega a chave, tem gente que marca horário. Ninguém é obrigado a nada; mas é importante criar as regras. E quem faz a regra da sua casa é você*”, disse.

O embaixador recebe cerca de quatro pedidos de hospedagem por dia e nega cerca de 90% deles. Ele garante ainda que quem faz uso da plataforma corretamente - revisa seu perfil, só aceita pedidos feitos pela plataforma, deixa

referências sinceras, dentre outras coisas -, vive sempre uma boa experiência. O segredo, segundo ele, além de ser sincero, é primeiramente procurar por pessoas com as quais se identifique e deseje conhecer. Em seguida, é preciso ler atentamente seus perfis e, somente assim, solicitar qualquer coisa.

*“Eu garanto que qualquer pessoa - nova ou velha no CouchSurfing - terá uma experiência legal, se fizer a coisa certa. Se as pessoas seguirem o passo a passo, tudo dará certo. Mas o que as pessoas fazem é escrever um texto, copiar, colar e o enviar para cinquenta pessoas ao mesmo tempo, sem ao menos ler seus perfis. Comigo estas nunca ficarão. Eu sei bem, quando alguém leu meu perfil; tenho um código escrito nele que peço aos couchsurfers solicitantes para confirmar durante seus pedidos de hospedagem”.* (Depoimento de Jorge).

### 5.3.

#### **Me tornando uma couchsurfer**

Durante a entrevista com o embaixador do *CouchSurfing* no Rio de Janeiro, comecei a repensar minha estratégia para vivenciar a comunidade como *couchsurfer* - recebendo algum hóspede *couchsurfer* em casa, ou me hospedando como *couchsurfer* na casa de algum membro da comunidade. Enquanto Jorge explicava os passos a serem seguidos para se conseguir hospedagem ou, ainda, na hora de se aceitar algum hóspede em casa, percebi claramente que, se eu não me colocasse de verdade na comunidade - criando um perfil com fotos e informações pessoais mais completas e expondo meus verdadeiros interesses ali -, não conseguiria realmente vivenciar uma verdadeira experiência *couchsurfer*.

Dentre suas várias histórias, Jorge contou um caso muito interessante. Foi o de uma garota que, segundo ele, o havia procurado para pedir hospedagem com o discurso de que era nova na comunidade e de que, por isso, se sentia ainda receosa em estar ali. Jorge explicou que o perfil da tal garota tinha poucas informações sobre ela e somente uma foto, na qual ela se mostrava uma pessoa “bonita e atraente”.

O embaixador disse que respondeu o pedido, explicando que da maneira como a nova e receosa *couchsurfer* se apresentava em seu perfil, ela realmente deveria temer viver alguma experiência “ruim” na comunidade. O raciocínio de Jorge era o de que, ao “mostrar apenas uma foto bonita” em seu perfil e mesmo assim ainda querer ser aceita em uma solicitação de hospedagem, a *couchsurfer* somente poderia esperar ser acolhida por sua beleza, o que poderia, desta forma, gerar a ela experiências muitas vezes não esperadas, como a de alguém não interessado em recebê-la e, sim, em “paquerá-la”.

Através do relato deste episódio, Jorge me convenceu de que o “se esconder” poderia ser a pior forma de entrar em uma comunidade como a *CouchSurfing*. Ao contrário, para se obter boas experiências, era realmente necessário entrar “de cabeça” ali.

Assim, e decidida a realmente vivenciar o *CouchSurfing*, optei por tentar uma experiência como hóspede, durante viagem que iria fazer no próximo mês para a Cidade do México, durante um congresso acadêmico. Para isso, resolvi seguir os passos indicados pelo embaixador e comecei pelo meu perfil.

#### **Dia 05/10/2011, 9h30, em casa: reestruturando minha página na comunidade**

Resolvi passar o dia reestruturando minha página na comunidade. Segui rigorosamente as instruções de Jorge, assim como as dicas oferecidas pelo *site*. Coloquei descrições pessoais detalhadas; falei sobre gostos, atividades e interesses; me dediquei a procurar e a postar fotos que contassem viagens passadas; estabeleci regras para receber pessoas em minha casa e, realmente, preenchi um perfil como nunca tinha feito em nenhuma outra comunidade ou rede social virtual até então.

A tarefa durou quase seis horas, mas, depois de preencher minuciosamente tudo, me senti uma verdadeira *couchsurfer* e mais parte daquela comunidade do que poucos.

Era a hora, então, de procurar um lugar para ficar no México.

#### **5.4. Solicitando hospedagem no México**

A ideia de viver uma experiência como hóspede *couchsurfer* surgiu em julho de 2011, tão logo recebi resposta de aceitação de artigo que havia escrito para participar do congresso *MX Design Conference*, que aconteceria no mês de outubro do mesmo ano, na Cidade do México.

Mas foi somente no dia 13/10/11, faltando poucos dias para minha viagem, que criei coragem de fazer solicitações de hospedagem na comunidade. Sabia que o tempo era curto e que isso era ruim, pois de acordo com as instruções

do embaixador Jorge, os pedidos de hospedagem devem ser feitos com o máximo de antecedência possível. Mas resolvi tentar assim mesmo.

Meu primeiro passo para buscar uma boa experiência de hospedagem no México foi seguir as instruções da sessão do *site* chamada *Primeiros Passos: Como Viajar com a CouchSurfing*. Daí, parti para a busca por *couchsurfers* com “sofás” disponíveis para receber hóspedes na Cidade do México. Nesta procura, utilizei os seguintes filtros disponíveis na ferramenta<sup>2</sup>: 1) idade: escolhi entre 26 e 35 anos; 2) gênero: dei prioridade ao feminino; 3) palavra-chave: digitei o nome da região onde o congresso aconteceria, a região de Santa Fé; 4) idioma: escolhi o inglês, porque não falo bem espanhol.

Minha busca inicial se baseou em dois critérios: 1) Segurança - já que, ao ler os perfis, observava em primeiro lugar se os membros possuíam boas referências e se haviam sido verificados e/ou certificados; 2) Afinidade - já que, para mim, também era importante ter gostos em comum.

Assim, li vários perfis e, depois de selecionar os que mais tinham me interessado, ingressei em buscas mais apuradas: lendo todas as referências e buscando entender também as conexões e os usos que estas pessoas faziam da plataforma.

Depois disso, fiz quatro solicitações de hospedagem, cada uma delas com textos mais ou menos direcionados aos solicitados, pedindo de uma a duas noites entre os dias 25/10/2011 e 30/10/2011, data da realização do congresso.

A primeira solicitação foi para a mexicana Alexandra, de 28 anos. Alexandra me chamou atenção por se dizer apaixonada por fotografia - meu *hobby* há mais de 10 anos.

A segunda solicitação foi para a tradutora e guia turística chinesa Mei, de 30 anos. Gostei de Mei logo que comecei a ler seu perfil. Uma das coisas que me chamou atenção foi a maneira como ela se colocava na comunidade, deixando bem claras suas regras de hospedagem e de convivência com os hóspedes. Isso me passou bastante segurança.

---

<sup>2</sup> Após reformulação do *site*, no final do ano passado, a plataforma passou a oferecer novas possibilidades de filtro, são elas: 1) minha rede: onde o solicitante pode filtrar sua busca somente por membros classificados entre seus amigos, ou entre amigos de seus amigos; 2) sistema de segurança: onde o solicitante pode optar já em sua busca inicial por critérios como *couchsurfers* que possuam fotos, ou que sejam verificados e/ou certificados.

A terceira solicitação foi feita para a mexicana Frida, de 25 anos. Formada em turismo, Frida me pareceu ser uma jovem inteligente, que gostava de arte, design e fotografia e que tinha muita vontade de viajar. Em seu perfil, ela também falava bastante, e com muito carinho, de sua casa e de sua mãe; o que me cativou.

A quarta solicitação foi para a mexicana Betina, de 29 anos. Gostei do perfil de Betina, mas confesso que nada nele me chamou muita atenção. Eu diria que esta escolha foi quase que totalmente intuitiva.

#### **5.4.1. Respostas às primeiras solicitações e uma nova tentativa**

Logo no dia seguinte aos meus pedidos de hospitalidade, dia 14/10/11, recebi três respostas. A primeira delas, da chinesa Mei, chegou às 3h12 da manhã, e foi positiva. Fiquei surpresa e feliz, já que Mei era uma das pessoas com as quais mais tinha me identificado.

Depois de receber a confirmação de Mei e já mais confiante na comunidade, resolvi fazer uma solicitação extra para George. Eu já havia lido seu perfil e tinha me identificado bastante com ele: um documentarista mexicano, de 33 anos, que relatava ser apaixonado por sua filha pequena - também tenho uma filha de três anos -, e também por sua namorada. A segunda resposta, também positiva, chegou às 17h29 e foi de George. Esta resposta chegou poucas horas após minha solicitação, feita por volta de 12h do mesmo dia.

Na mensagem, George informava que havia pedido permissão para sua namorada, para me receber durante duas noites e que ela havia concordado. O documentarista também perguntava sobre meu marido e filha e contava um pouco sobre sua filha de dois anos.

A partir deste momento, só recebi mais uma mensagem de retorno. Foi a mensagem da mexicana Frida, que contava que estaria em Paris, em sua primeira viagem à Europa, no período de minha estadia no México, e que, por isso, não poderia me receber. Apesar de negativa, achei sua resposta muito atenciosa. Além de me perguntar sobre Paris - já que eu havia mencionado em meu perfil uma visita que havia feito à cidade francesa em 2007 -, Frida me passou os contatos de sua mãe no México, caso eu viesse a precisar de algo. Achei isso realmente incrível!

Depois destas respostas, fiquei feliz, mas também bastante nervosa. Ao mesmo tempo em que queria vivenciar a experiência *CouchSurfing*, me sentia um pouco aflita a cada momento em que ela se confirmava.

#### **5.4.2.**

#### **Entre as aprovações e a viagem**

Logo após receber aprovação de minhas solicitações, passei a trocar mensagens com Mei e George; estabelecendo um processo de combinação de datas, horários e confirmação de interesses. Neste período, me senti muito à vontade com a ideia de ficar na casa de Mei. Apesar das mensagens trocadas com ela serem sempre mais curtas e diretas do que as trocadas com o documentarista, não tinha dúvidas de que a experiência de ficar na casa dela seria positiva.

Já quanto a George, não tinha tanta certeza. As mensagens trocadas com ele eram mais longas. Sempre muito educado e acolhedor, ele me escrevia contando sobre situações que havia vivido com sua filha e namorada, e também sempre perguntando sobre minha vida particular. Tentava responder de acordo com o contexto da conversa e entendia que a abordagem dele poderia se justificar em função de uma vontade natural de conhecer melhor alguém a quem iria receber em sua casa. Por minha inexperiência como *couchsurfer*, eu não sabia exatamente até que ponto esta “aproximação” anterior à hospedagem era prática rotineira na comunidade. Mesmo assim - e talvez em função de ele ser homem -, me sentia um pouco incomodada com aquela “intimidade”, a meu ver, um pouco forçada.

Minha apresentação no congresso estava marcada para o dia 26/10/2011 e minha primeira noite no país, de 25 a 26/10/11, seria no hotel oferecido pelo congresso a alguns de seus palestrantes. George havia me oferecido os dias 26 e 27/10/11, que seriam meus primeiros dias como *couchsurfer* no México. Com Mei, as datas ainda não estavam tão certas, mas diante do tempo de duração da viagem, só sobraria para ela os dias 28, 29 e 30/10/11, o fim de semana, mais precisamente.

Apesar de preferir ir para a casa de Mei primeiro, tentei fechar as datas descritas acima, já que George, a princípio, não iria poder me receber no final de semana. No dia 23/10/11, porém, recebi uma mensagem de Mei, dizendo que ela também talvez poderia viajar no fim de semana.

Assim, confusa e sem marcar datas certas nem com um, nem com outro, viajei para o México. Se não conseguisse me hospedar como *couchsurfer*, tinha garantido o quarto de hotel de minha orientadora para ficar.

### 5.4.3.

#### **Malas prontas e muita ansiedade: México, lá vamos nós!**

No dia 25/10/11, pela manhã, cheguei ao México juntamente com um grupo de professores da PUC-Rio. Fomos todos recebidos com muito carinho pelos organizadores do evento, que ofereceram ao grupo da PUC - grupo no qual eu me incluía - hospedagem, transporte para o evento e passeios turísticos pela Cidade do México e arredores. Minha ideia, como explicado anteriormente, porém, era aproveitar a hospedagem cinco estrelas - e absoluto conforto e mordomia - oferecida pela organização do evento somente durante minha primeira noite na cidade; seguindo, logo na sequência, ou para a casa de George, ou para a casa de Mei.

Chegando ao hotel, a primeira coisa que fiz após deixar minhas malas no quarto foi descer para o saguão em busca de um computador com acesso à internet. Eu estava um pouco ansiosa pelo fato de ainda não ter fechado as datas de minha estadia com Mei. Tinha medo de acabar perdendo a hospitalidade da chinesa ao arriscar deixar a ida para sua casa para o fim de semana. E se ela fosse mesmo viajar? Além disso, até aquele dia, ainda tinha dúvidas se deveria me hospedar na casa de George.

Decidi então dar prioridade a Mei e, assim, escrevi para os dois, contando sobre minha chegada. Marquei meu encontro com Mei para o dia seguinte - a ideia, então, era me hospedar na casa dela durante duas noites, de 26 a 28/10/11. Já com George, tentei reagendar minha hospedagem para somente uma noite, do dia 28 ao dia 29/10/11.

Além do cansaço normal de qualquer viagem internacional e da ansiedade de uma apresentação em congresso internacional, sentia, a todo momento, um nervosismo muito grande ao lembrar que estava prestes a me hospedar na casa de pessoas “desconhecidas”. O sentimento que marcou meu primeiro dia no México, portanto, foi de indecisão. Ao mesmo tempo em que tinha vontade de vivenciar aquela experiência; também queria permanecer tranquila no hotel, onde minhas

malas já estavam arrumadas e onde eu já me sentia completamente segura e confortável.

#### **5.4.4.**

#### **Dia D: apresentação internacional e tentativa de chegar à Mei**

Passei parte da noite finalizando minha apresentação para o congresso, pois iria me apresentar na parte da manhã e acordei mais cansada do que quando havia ido dormir. Neste dia, mal tive tempo de tomar café da manhã e logo tive que seguir com o grupo para o congresso. A programação de então era ir para a casa de Mei, na parte da tarde, pois ela havia me dito que estaria em sua casa das 15h às 21h e que eu poderia chegar durante este período.

Após as apresentações da manhã e de um delicioso almoço oferecido pela organização do evento, comecei a cogitar - em meio a uma “chuva” de sentimentos - a possibilidade de seguir com o grupo de congressistas a programação oficial do evento: um passeio ao Museu Nacional de Antropologia, localizado na zona do *Bosque de Chapultepec*.

Acreditando que daria tempo de visitar o museu, voltar ao hotel e seguir para a casa de Mei antes das 21h, acabei me decidindo por ir. Mal sabia eu que o trânsito na Cidade do México no horário do *rush* é tão ou mais intenso do que o da cidade de São Paulo. Depois do encantador passeio ao museu, até tentei ir para a casa de Mei naquele mesmo dia, mas, por volta das 18h30 - já dentro do ônibus, voltando para o hotel para buscar minhas coisas -, percebi que não iria conseguir chegar lá antes das 21h.

Liguei então para avisá-la. Aquela foi a primeira vez que nos falamos por telefone. Eu estava preocupada em incomodá-la com tantas mudanças de itinerário, mas Mei se mostrou muito tranquila e me disse que, se eu quisesse, poderia chegar um pouco mais tarde em sua casa.

Senti, naquele momento, que Mei realmente queria me receber e respondi a ela que iria tentar chegar. Não queria também, àquela altura, decepcioná-la.

O trânsito, porém, não deu trégua e, por volta das 20h e ainda longe do hotel, o ônibus no qual eu estava com os outros congressistas resolveu parar - num ponto turístico que exibia curiosas esculturas coloridas -, para esperar o tráfego de carros diminuir. Assim, liguei de novo para Mei, pedindo a ela para chegar à sua

casa no dia seguinte. Mei me disse que teria um compromisso na parte da manhã, mas que eu poderia chegar por volta de 13h.

Assim, segui para o quarto de hotel de minha orientadora mais uma vez e confesso que me senti bastante aliviada por isso. Por mais uma noite, tinha conseguido adiar o início daquela experiência ao mesmo tempo tão desejada e temida por mim.

#### **5.4.5. Enfim, para a casa de Mei**

Naquela noite consegui descansar e, no dia seguinte, acordei quase 11h da manhã. Estava sozinha no quarto - minha orientadora havia ido para o congresso novamente - e sabia que, naquele dia, teria que seguir com minha pesquisa de campo. Não tinha mais como fugir.

Ainda muito cansada me levantei e arrumei minha segunda mala. Fiquei na dúvida sobre o que levaria para a casa de Mei: máquina fotográfica, dinheiro, passaporte... Não tinha jeito. Acabei levando quase tudo!

Peguei então um taxi e segui para o endereço que minha anfitriã havia me passado. Estava bem apreensiva!

Chegando ao bairro, percebi um lugar ao mesmo tempo charmoso, agradável e movimentado. Ao parar o carro em frente a um prédio residencial de três andares, o motorista do taxi me disse que aquela era uma boa região da cidade.

Pronto, havia chegado! Mas ainda estava cedo, por volta de 12h. Toquei a campainha, mas ninguém atendeu. Resolvi, então, sentar na porta do prédio e esperar.

**Figura 43:** O bairro onde fiquei hospedada e minhas malas na portaria de prédio de Mei



Fonte: Fotos tiradas pela autora desta dissertação

#### 5.4.6. O encontro

Eram mais ou menos 13h, quando vi Mei atravessar a rua e vir em minha direção. Simpática, ela me cumprimentou, perguntou se eu estava ali há muito tempo e me chamou para entrar. Subimos as escadas e entramos em seu apartamento: uma típica residência no estilo estudantil. A sala era grande e vazia, com apenas uma mesa de jantar, um sofá velho e um pouco sujo.

Sentei no sofá - imaginando que era ali que iria dormir - e comecei a puxar assunto. Perguntei por que ela havia ido morar no México, se estava ali fazia tempo e coisas do gênero. Como resposta, Mei me indagou: “*Você leu realmente meu perfil na comunidade?*”. Um pouco sem graça, disse que sim e busquei mudar o rumo da prosa. A ideia inicial para quebrar o gelo não havia dado muito certo.

Na sequência, ela começou a me explicar algumas coisas sobre a casa, dentre elas que ali fazia muito frio à noite e que eu deveria dormir com o meu cobertor. Problema: eu não havia levado nem sequer uma manta para a casa de Mei.

Depois do susto, fui surpreendida, quando Mei disse que havia feito uma sopa e me convidou para acompanhá-la. Confesso que não esperava pela gentileza. Fiquei um pouco sem graça, mas ela insistiu e não tive como negar.

Seguimos para a cozinha e ela começou a complementar o almoço. A sopa, a meu ver, tinha aparência nem um pouco apetitosa. Além dela, Mei ainda preparou um pimentão verde com queijo branco. Ela abriu o pimentão ainda cru com as mãos, o recheou com um queijo não identificado e passou tudo na frigideira. Depois explicou que aquela era uma receita mexicana.

A maneira como Mei preparou a comida e também sua própria cozinha, que assim como a sala, tinha aspecto um pouco sujo, me fizeram perder de vez o apetite. Naquela hora, então, pensei que não conseguiria acompanhá-la na refeição. Mas não pude fazer nada. Não podia mais dizer: “*não, obrigada!*”. Então, ajudei minha anfitriã a colocar a mesa, sentei junto a ela e comecei a comer.

Naquele mesmo momento, meu sentimento de estranhamento e talvez até de nojo, mudou completamente para um sentimento de gratidão. Pensei: “*Meu Deus, ela fez um almoço para mim! Ela me conheceu agora e me recebeu com um almoço em sua casa!*”.

A comida, então, se tornou deliciosa e, em meio à conversa, que a partir daquele momento começou a fluir, me senti confortável e pensei: “*vou gostar desta garota!*”.

### **O restaurante chinês**

Fiquei na casa de Mei exatamente por duas noites e dois dias. No primeiro dia, como ela já tinha compromisso, logo depois do gratificante almoço preparado por ela, fui conhecer a Cidade do México sozinha. Fiquei super tranquila de sair e deixar minhas coisas no quarto de Mei. Antes de eu ir, ela me deu dicas, me emprestou mapas da cidade e me convidou para jantar à noite com amigos mexicanos em um restaurante chinês. Como durante o almoço ela havia comentado que estava sem dinheiro, aceitei o convite e me ofereci para pagar o jantar. Ela agradeceu com um sorriso, que em nenhum momento pareceu aproveitador, e combinamos de nos encontrar às 19h45 em uma estação de metrô.

Neste primeiro dia como *couchsurfer*, depois de conhecer o centro da cidade com a ajuda dos mapas de minha anfitriã, segui, no horário combinado,

para encontrá-la no metrô. O sentimento era ao mesmo tempo de surpresa e naturalidade.

Nos encontramos exatamente na hora e local marcados. Mei me apresentou dois amigos mexicanos e seguimos para o restaurante: um típico, tradicional, e baratíssimo restaurante chinês. Foi uma noite muito divertida e especial, onde jantamos uma comida a meu ver diferente e deliciosa, rimos muito e conversamos sobre assuntos que foram de cultura à política internacional. Tudo, como se fossemos amigos há anos. E o sentimento continuava ao mesmo tempo de surpresa e naturalidade.

Naquele momento, me senti também muito acolhida, tanto por Mei quanto por seus amigos, e fiquei realmente feliz e impressionada com a hospitalidade e espontaneidade daquelas pessoas.

**Figura 44:** Os saborosos pratos que comemos no restaurante chinês escolhido por Mei



Fonte: Foto tirada pela autora desta dissertação

**Noite de surpresas e muuuito frio**

De volta para a casa de Mei; hora de usar o banheiro e, surpresa número 1: o lugar era realmente sujo. Imaginei imediatamente que o espaço - partilhado por Mei com seus dois *roommates* - não era lavado há algum tempo.

Nesta hora, passei por um grande desconforto: não tinha como não usar aquele banheiro, ao mesmo tempo em que me sentia também mal em estar ali. Sem saída, foi assim que tomei banho e me arrumei para dormir naquela noite.

Depois do banho, quando já me preparava para enfrentar o frio que ali fazia, dormindo no pequeno sofá da sala, surpresa número 2: Mei gentilmente não só me ofereceu sua única coberta extra, como também me convidou para dormir em sua cama.

A cama de Mei era uma cama de casal, nada grande, e eu entendi que se aceitasse o convite, teria que dividir o espaço com ela. Mas àquela altura, e diante da maneira tranquila como minha amizade com ela vinha se desenvolvendo, não senti desconforto algum em aceitar.

Pode parecer até estranho de contar, mas, naquela noite, não fosse o frio danado que, mesmo com a coberta emprestada por Mei, me atrapalhou o sono, dormi tranquila como um anjo na mesma cama que Mei.

**Figura 45:** A cama compartilhada por Mei comigo e o quarto dela visto de outro ângulo



Fonte: Fotos tiradas pela autora desta dissertação

#### **5.4.7. Visita a casa de George e despedida de Mei**

No dia 28/10/11, acordei por volta das 10h. Estava sozinha no apartamento de Mei e pude me arrumar com tranquilidade. Naquele dia, ela saiu de casa cedo para trabalhar, deixando as chaves e um celular antigo dela comigo. O combinado foi que ela ligaria para aquele aparelho, no fim da tarde, para me avisar a que horas exatamente precisaria das chaves para entrar em casa. Tudo isso para que eu pudesse tanto dormir até mais tarde quanto ficar mais à vontade em sua casa. O que achei de uma gentileza e confiança incríveis.

Depois de usar o banheiro rapidamente, saí para tomar café com a ideia de tentar visitar George durante o dia. A experiência com Mei já vinha se mostrando marcante e esclarecedora o suficiente e eu havia decidido não mais me hospedar na casa do documentarista.

Por volta das 12h, consegui marcar de ir à casa de George que, pelo telefone, me disse que passaria o dia livre com sua filha e que poderia me receber. Ao chegar lá, um sobradinho em uma rua muito tranquila da cidade, fui recebida por ele e sua pequena filha com muita simpatia e um chá de frutas. Conversamos sobre nossas atividades e últimos trabalhos, e também sobre a Cidade do México. Depois, seguimos para almoçar em um típico mercado de verduras e frutas da região.

Foi um encontro agradável, mas que em pouco se comparou à espontaneidade e à empatia, frutos de meu contato com Mei. A conversa com George, em alguns momentos, se mostrou um pouco forçada. Não sei se em função de minha opção de não mais dormir em sua casa, ou se por qualquer outra eventualidade.

Apesar de ele me ter recebido bem, no fim da tarde, logo após o nosso almoço, já não via a hora de ir embora. Assim, acabei saindo de sua casa com uma certeza: não deveria mesmo dormir ali.

#### **Despedida de Mei**

Encontrar com pessoas novas e estar aberta a recebê-las se mostrou algo cansativo para mim naquele dia. Acho que comecei a me enfadar de ter que falar de mim o tempo todo e comecei a sentir meu próprio corpo pedir arrego. Meus

pés começaram então a latejar durante o caminho de volta da casa de George à de Mei e pensei comigo: - Quero voltar para o hotel.

Naquele momento, estava com muita vontade de tomar um banho de verdade e de descansar num espaço onde realmente pudesse me sentir à vontade. Apesar de ter amado conhecer Mei, cheguei de volta à sua casa decidida a arrumar minhas coisas e voltar para o hotel.

Porém, quando avisei a Mei que estava indo embora antes do combinado, senti que ela se decepcionou. Pelo que pude entender, ela contava com minha companhia por mais aquela noite de sexta-feira. Foi aí, então, que percebi a importância que esse tipo de encontro pode ter para pessoas que vivem sozinhas, como Mei.

Apesar da enorme vontade de voltar para o hotel e do cansaço, resolvi ficar mais aquela noite na casa dela. E minha decisão valeu a pena! Naquela noite, nos divertimos muito: saímos para comer, dançamos, conversamos e - como velhas amigas - trocamos experiências de vida. Mais uma vez, depois da diversão, dormi no frio, mas, mesmo assim, estava feliz.

No dia seguinte, 19/10/11, acordei às 5h e peguei um taxi de volta para o hotel. Naquele sábado, ia acompanhar o grupo de congressistas ao sítio arqueológico e Patrimônio da Humanidade pela UNESCO Teotihuacan. A saída estava prevista para as 8h da manhã. Estava muito aliviada com a ideia de poder tomar banho e dormir quentinha outra vez. Ao mesmo tempo, sentia também o fato de ter deixado uma amiga para trás.

## **5.5. Considerações parciais**

Durante minha experiência como usuária do serviço de hospitalidade *CouchSurfing* pude vivenciar, em curto espaço de tempo, sensações e sentimentos dos mais diversos possíveis: passei frio e cansaço; usei durante dois dias e duas noites um dos banheiros mais sujos que já vi em minha vida; enfrentei diferenças culturais e de língua; comi, satisfeita, uma sopa que, em meu primeiro olhar, nunca desceria bem no meu estômago; e dormi na mesma cama com uma pessoa que nasceu do outro lado do planeta e que, até então, pouco conhecia. Mesmo assim, confesso que fui bem feliz.

Como *couchsurfer* pude realmente vivenciar o significado da palavra hospitalidade e, mais do que isso, me sentir bastante próxima a pessoas que tinham muito para ser bem diferentes de mim. Acho, inclusive, que, dentre as “experiências” oferecidas pela comunidade em sua missão, a minha realmente deve ter sido a “magnética”, ou seja, aquelas onde pessoas diversas se conectam de forma fácil, alegre e agradável.

Assim, acabo com o mesmo discurso meloso que domina os muitos depoimentos da plataforma *CouchSurfing* e que parecem clichês para quem somente passa por ali. Mas, para mim, não vejo realmente outro caminho a seguir que não este.

Durante esta vivência, tive certeza de que relações não podem ser projetadas, mas que podem, sim, ser promovidas, incentivadas, mediadas e facilitadas. Pude comprovar ainda que práticas colaborativas de compartilhamento também podem ser promovidas, incentivadas, mediadas e facilitadas. E é justamente este o serviço que o *CouchSurfing*, juntamente com cada um de seus membros - através de trabalhos cocriativos -, oferece por intermédio de uma plataforma digital: possibilita encontros e compartilhamentos inesperados e antes talvez inviáveis. Afinal, como eu poderia ter conhecido Mei e George sem o auxílio deste suporte?

Agora, posso garantir que cada experiência promovida, incentivada, mediada e facilitada por este serviço é única e depende muito da maneira como é conduzida e planejada. Entendo também que minha experiência foi, dentro do possível, bem conduzida, planejada e, conseqüentemente, bem vivenciada também, assim como garantiu o embaixador Jorge em sua entrevista.

Apesar dos pequenos percalços, vivi momentos realmente vivos, radiantes e memoráveis, e devo à plataforma do *CouchSurfing* ter conquistado e ter sido conquistada por mais dois amigos neste mundo.